



Muito além de  
Vito Corleone: a  
construção das  
notícias sobre a  
comunidade  
italiana no jornal  
*New York Times*  
na década de 1910

Isabella Furtado Alves<sup>1</sup>

Far Beyond Vito  
Corleone: the  
construction of the  
news about the  
Italian community  
in the New York  
Times newspaper in  
the 1910s

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v8n13.2017.70596>

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: isabellafa@gmail.com

**Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivo estudar as representações da comunidade italiana imigrante entre os anos de 1910 e 1920. Para tal, foram utilizadas as matérias do *New York Times* desse período. Através da pesquisa pelas palavras chave “italian/italians”, foi possível mapear a construção das notícias sobre esses imigrantes dentro do periódico durante a década de 1910 – que reúne em si uma nova onda imigratória, a Primeira Guerra Mundial e o início da discussão sobre a interrupção oficial da imigração. A partir de leituras de Samuel Baily e Benedict Anderson, foram estabelecidas as bases teóricas que orientaram a presente análise no sentido de compreender o processo de imigração para além da dicotomia “assimilado/ não assimilado”, e o papel da imprensa como agente social, respectivamente.

**Palavras-chave:** Imigração; *New York Time*; Italianos; Jornal.

**Abstract:**

The present work aims to study the representations of the Italian immigrant community between the years 1910 and 1920. For this purpose, the *New York Times* articles from this period were used. Through the search for the key words "italian / italians", it was possible to map the construction of the news about these immigrants within the periodical during the decade of 1910 - that brings together a new immigration wave, the First World War and the beginning of the discussion about The official interruption of immigration. From the readings of Samuel Baily and Benedict Anderson, the theoretical foundations that guided the present analysis to understand the immigration process beyond the "assimilated / non-assimilated" dichotomy were established, and the role of the press as a social agent, respectively.

**Keywords:** Immigration; *New York Times*; Italians; Newspaper.

## Introdução

A imigração mudou o mundo e continua mudando. A razão pela qual isso acontece não é apenas porque o tema se impõe partir da era moderna, mas também, e principalmente, devido à atualidade e à urgência com que as questões relacionadas aos processos migratórios vêm sendo trabalhadas. Dentre todos os desdobramentos relativos aos processos migratórios, aquele que mais desperta interesse é o aspecto identitário: a manutenção da cultura, o confronto com o país de destino e, claro, o produto desse encontro.

Dentro dessa perspectiva de fluxos migratórios, Estados Unidos e Brasil inserem-se como nações receptoras de imigrantes ao longo dos séculos XIX e XX. Porém, no que tange a tática adotada pelos dois Estados, as diferenças resultaram na formação de conflitos identitários singulares. Diferente da experiência brasileira que reforça, ainda que meramente, no âmbito do discurso, a perspectiva conciliadora de um povo de raízes heterogêneas, a imigração nos Estados Unidos foi e ainda é vista como ameaça a uma suposta identidade nacional.

Como em qualquer formação identitária, no americanismo, o reconhecimento do outro, a alteridade, é tão importante quanto a identificação com aquele que é igual. Na construção do que é nacional, é necessário que se excluam elementos, para que se delimite o que é pertencente da nação, sendo assim, o processo de construção de identidade nacional não difere de qualquer produção de identidades (ANDERSON, 2008, p. 199). Contudo, qualquer estudo, ainda que superficial, da história do país consegue identificar um sem número de contribuições externas para aquilo que conhecemos hoje como os Estados Unidos da América (TOTA, 2009, p. 17).

É nesse sentido que julgamos fundamental a necessidade de compreender o lugar do imigrante. Como esse que é considerado o outro se funde no todo e passa a integrar o corpo dos cidadãos americanos? Como o americanismo, tão excludente na sua presunção de homogeneidade, se conforma e lida com essa vastidão de corpos estranhos? Essas foram as questões que orientaram as leituras e impulsionaram a presente pesquisa e nos fizeram optar pelo recorte cronológico dos anos de 1910 e 1920, pois essa década engloba três grandes momentos para a história da imigração e dos Estados Unidos: a grande onda migratória de 1910, a Primeira Guerra Mundial e o início da legislação que irá interromper a imigração massiva para o país.

Na contradição entre a necessidade dessa força de trabalho e a resistência em incorporar novas culturas à sociedade americana, nos deparamos com os projetos de americanização. Com a exigência por parte do país anfitrião de que os recém-chegados não apenas se adaptassem, mas que incorporassem as tradições locais tão profundamente a ponto de abandonar aquelas da sua terra natal. Isso, evidentemente, não seria feito com a mesma facilidade por todos, sendo assim, se constituía uma hierarquia entre os mais e os menos desejáveis. Foi assim que encontramos o grupo de imigrantes que despertou mais profundamente o nosso interesse: os italianos. Católicos, falantes de vários dialetos,

popularmente tido como violentos, vinham de uma das nações mais emigrantes da história e formaram um dos maiores grupos étnicos estrangeiros nos Estados Unidos. Sendo assim, eram um dos menos desejados e, portanto, eram mais o “outro”.

Arquétipo do crescimento industrial da era progressista - a cidade que recebia a maior parte dos imigrantes que chegavam à América do Norte, além do palco de disputas em relação a identidade americana<sup>1</sup> - Nova York é, para nós, o espaço exemplar para o estudo que pretendemos realizar. A cidade está, ainda, diretamente ligada à fonte que usamos para analisar os discursos que se construía sobre a comunidade italiana recém chegada: o *New York Times*.

### Uma nação emigrante

“A imigração italiana mudou a Itália e o mundo” (CHOATE, 2008). A frase é taxativa, mas o que parece um exagero se justifica a partir da análise dos impactos da ostensiva imigração italiana para diferentes partes do globo.

As razões específicas para essas transições maciças são as mais diversas e variam de acordo com a especificidade do local de origem. Ainda assim, é correto afirmar que todo o processo de migração crescente do período é colocado em movimento pelo declínio da agricultura formal e a expansão da indústria. Mais especificamente, podemos dizer que a maioria dos oriundos da Itália, Rússia, Polônia, Império Austro-Húngaro, bem como boa parte dos asiáticos, fugia de uma vida marcada pela pobreza, falta de educação, tributação onerosa e economias em declínio (BAILY, 2003, p. 84).

Italianos, espanhóis e portugueses – mas não apenas esses – recorreram à migração intracontinental sempre que a escassez de oferta de trabalho, ou qualquer outra razão relativa à sobrevivência, exigia que eles o fizessem. A emigração como alternativa para a subsistência é uma tradição europeia. A deficiência de mão de obra e disponibilidade de terras na América – o oposto da realidade a Europa – atraiu cada vez mais a atenção dessas comunidades nas quais a prática emigrante já era inerente.

Samuel Baily, historiador muito caro para a presente pesquisa, crítica o “modelo assimilacionista” (BAILY, 2003, p.11). Para ele, os termos “assimilado” e “não assimilado” não dão conta da complexidade da experiência da imigração. Frente à pluralidade e a resiliência étnica desses imigrantes e seus descendentes, a partir dos anos 1960, historiadores substituíram o modelo clássico de assimilação por uma perspectiva pluralista adotando, portanto, uma visão mais complexa e dinâmica. Essa nova historiografia

---

<sup>1</sup> Parte do ideal americano está profundamente identificado com o campo. A natureza, a fronteira, o trabalho rural e a pequena comunidade são importantes elementos do americanismo e ao longo do século XIX foi com alarme que várias intelectuais viram o crescimento das cidades, consideradas lugares de corrupção e pecado. Sendo assim, Nova York, passou a ser considerada por alguns deles a antítese do ideal americano.

inaugurou a perspectiva de não presunção de um final definido em direção à incorporação total da cultura de destino.

O autor destaca que, apesar de não terem controle sobre as condições políticas e econômicas em que se inseriam, essas pessoas optavam pela imigração dentre várias outras possibilidades e o faziam através de um cálculo das vantagens e desvantagens desse processo. Na escolha do destino, nos planos de retornar ou não ao país de origem, no processo de integração ou resistência cultural, os imigrantes foram sujeitos das suas escolhas.

Consideramos que todas essas perspectivas foram fundamentais na elaboração do presente trabalho. Ainda que não incorporando todas as proposições para análise, muitas correções foram feitas na nossa maneira de encarar o imigrante como objeto de estudo após as leituras acima citadas. Ao ler os editoriais do *NYT* e a bibliografia secundária, buscamos continuamente identificar, além do posicionamento do jornal, a maneira como a comunidade italiana se comportava perante os revezes e as oportunidades da vida de imigrante.

### **Imigração em Nova York**

Durante todo o século XIX, Nova York foi palco da chegada de milhares de imigrantes. A cidade era um dos destinos mais visados por conta do seu intenso e conhecido crescimento, bem como por razão de sua infraestrutura portuária favorável. A maioria destes imigrantes procedia da Alemanha, Irlanda, Suécia, Noruega, Dinamarca, Inglaterra e Itália.

O período que compreende o final do século XIX e início do XX possui, por si só, uma série de especificidades. Identificada entre os anos 1890/1900 e 1920 (PURDY, 2007, p.175), a *Progressive Era* é o plano de fundo de todo o nosso recorte temporal e, como conjuntura, o processo que une os diferentes fenômenos sociais que marcam o período. Essas três décadas são particularizadas na História dos Estados Unidos pelo seu vertiginoso crescimento econômico e as transformações sociais que o acompanha.

A expansão da indústria gerava milhões de empregos e uma variedade sem precedentes de novos produtos chegou ao consumidor. As cidades passaram por um crescimento igualmente inédito, e o aumento populacional as acompanhou – crescimento esse também relacionado à maciça entrada de imigrantes no país. Nos anos de 1890, - as cidades e o campo cresceram juntos pela última vez na história dos Estados Unidos. No final das três décadas da *Progressive Era*, pela primeira vez, o número de pessoas nas cidades ultrapassaria o número de pessoas no campo.

Apesar do número das grandes cidades ter aumentado e todas elas terem experimentado os fenômenos característicos do período, mais uma vez Nova York é o exemplo ideal, “com sua energia exuberante, a cidade por si só parece uma expressão da

modernidade” (FONER, 2006, p.641). Com 4,7 milhões de residentes em 1910 e vizinhanças mais densamente populosas que Bombaim e Calicute, Nova York não apenas experimentou a expansão da indústria, o *boom* populacional e a entradas de imigrantes no país, mas se tornou o símbolo desses processos.

A *Progressive Era* também era intrigante pelos seus aspectos contraditórios. Não obstante a expansão de direitos - como as conquistas das lutas femininas e operárias – o período testemunhou uma série de contradições no tocante à liberdade. A consolidação do sistema excludente da supremacia branca, um afastamento do eleitorado das decisões políticas e a pressão para americanização de imigrantes são fatores que indicam que mesmo que “a ideia de liberdade tenha se expandido, seus limites se contraíram na *Progressive Era*” (idem, p. 693).

Nova York era palco de tanto dos avanços do período em direção à modernidade, quanto das suas contradições. Não apenas um espaço propício para um estudo sobre imigração, a história da cidade se mistura com a história desses grupos vindos de diferentes partes do planeta, alteraram, e ainda alteram, a conformação da cidade (ALLEN, 1990, p.2).

### Americanização e identidade

Um dos aspectos mais significativos dentro dessa conjuntura é a pressão em relação à americanização do imigrante. Americanizar-se seria introjetar a cultura norte-americana na maioria dos modos possíveis. As possibilidades de americanização eram, portanto, fator fundamental no que se refere à imigração, uma vez que cada grupo de imigrantes possuía um potencial de assimilação cultural pré-definido em função do seu local de origem.

O *outro*, fator de alteridade, é importante em qualquer constituição de identidade, mas possui uma série de especificidades no caso dos Estados Unidos. Um dos principais mitos de fundação dos Estados Unidos, a crença na excepcionalidade americana é traço central no americanismo e determinante para compreender em que termos essa sociedade se relaciona com outros povos e outras culturas. O caráter excepcional está diretamente ligado a traços étnicos e culturais, como a religião protestante e a ascendência anglo-saxônica – principais elementos a serem considerados numa possível aproximação.

Baseada na matriz puritana, essa concepção transcende os argumentos físicos e tem contornos espirituais. A América seria a nova terra prometida e os americanos o povo eleito com uma missão a cumprir: a construção de uma nova utopia e, posteriormente, a expansão dos valores democráticos e do protestantismo. O Destino Manifesto americano era se expandir. Portanto, a preservação dessas características seria fundamental para a manutenção do que é ser americano.

É nesse sentido que interpretamos o medo do que é estrangeiro. Diferente do terror mediante a consciência de vulnerabilidade, esse medo é fruto da identificação do outro como uma ameaça ao que é homogêneo. Existe na sociedade americana o “mito do

consenso”. Estudando a formação dessa sociedade identificamos uma variedade considerável de contribuições culturais, contudo, o ideal americano prevê homogeneidade. Os ideais Puritanos e Jeffersonianos convergem num consenso de valores onde “não se distingue diferença de subversão” (BENDER, 2002,186).

É assim que se conforma a ideia de um imigrante ideal. O indivíduo que iria suprir a necessidade de mão de obra de um país grande, pouco populoso, cuja manutenção do crescimento depende do suprimento de força de trabalho externa, sem comprometer a pureza racial ou os valores culturais. Quanto mais próximo das características norte americanas – ou ainda, das características atribuídas a sua suposta homogeneidade – melhor.

Nessa relação, etnia, língua e religião configuravam os itens mais importantes a serem levados em conta. É através desses três elementos que analisamos a posição do italiano dentro dessa hierarquia, do ideal ao indesejável. O ideal americano corresponde ao homem branco, anglo-saxão e protestante. Seus conceitos de raça e branquitude, contudo, obedeciam a uma especificidade bastante particular.

Apesar da “raça branca europeia” ser reconhecida de maneira geral como superior às outras, possuía divisões internas. As então consideradas raças latina, germânica, eslava, anglo-saxônica, etc, eram valoradas de maneira diferente em relação as seus atributos sociais e intelectuais e era estabelecida entre elas uma hierarquia bastante rígida (BERTONHA, 2014, p.98).

Dentro dessa escala, os italianos ocupavam um espaço subalterno. Ilustrados, pobres, violentos, delinquentes, devassos, pouco higiênicos, de hábitos inferiores, com padrões morais pouco elevados, quase selvagens, subversivos. Essas são algumas características que compunham o estereótipo do que é ser italiano amplamente difundido nos Estados Unidos da *Progressive Era*. Essas características depreciativas eram consideradas inerentes à “raça italiana” e é nesse sentido que se fala não apenas em preconceito cultural, mas em racismo anti-italiano (idem, p.99).

Na virada do século XIX para o XX, foi observada uma nova onda anti-imigração especialmente voltada para os “novos imigrantes”, italianos e outros grupos que chegavam em grande número naquele período. Surgiram também questionamentos sobre a capacidade de assimilação desses novos grupos pela sociedade hospedeira. Na década que antecede Primeira Guerra Mundial a hostilidade frente aos italianos atingiu seu auge.

Católicos, apegados aos seus valores culturais e organizados em vizinhanças que praticamente reproduziam seus vilarejos na Itália, os italianos em Nova York viram o sentimento anti-italiano deixar o âmbito do discurso e tomar contornos bem práticos com o surgimento de uma série de leis excludentes (BAILY, 2003, p.87). Essa legislação discriminatória não chegou a proibir a entrada do grupo no país - como o Ato de Exclusão Chinesa de 1882, ou mesmo ser oficialmente direcionada aos italianos, mas claramente visava cercear de alguma maneira esse grupo cujo crescimento preocupava.

Apesar da interrupção do grande fluxo de imigração, graças às leis de cotas de 1924, estima-se que entre 1880 e 1978 emigraram para os Estados Unidos cerca de 5,3 milhões de italianos<sup>2</sup> que não se renderam a uma aculturação ou mesmo intencionaram uma assimilação completa em detrimento de seus valores culturais, mas que buscaram uma vida melhor no novo mundo, transformando e sendo transformados pela sociedade que se inseriam.

## Imprensa e sociedade

O cientista político Benedict Anderson discute o papel da imprensa nas comunidades nacionais. Para Anderson, os Estados modernos se enquadram na forma de “comunidades políticas imaginadas” (ANDERSON, 2008, p.10). A mídia geradora de notícias é, nesse sentido, parte da construção das identidades nacionais partilhadas por essas comunidades. A imprensa cria ainda um espaço público onde, em princípio, todos os cidadãos estariam convidados a participar igualmente. Independente de quão disputado e estratificado pode ser o discurso jornalístico, Anderson sublinha, a imprensa é constitutiva do imaginário democrático e, portanto, elemento importante de qualquer sociedade que se presuma democrática.

A relação da imprensa e sociedade não é unilateral (KAPLAN, 1997, p.2). Na mesma medida em que a imprensa informa a esfera pública, a identidade dessa imprensa é largamente dependente dos ideais e preceitos da sociedade em que se insere. É nesse sentido que observamos, nas transformações ocorridas no discurso jornalístico, bem como na própria instituição “jornal”, durante últimas décadas do século XIX e no início do XX, um diálogo com as mudanças da *Progressive Era*.

No fim do século XIX, o que se observou foram mudanças da esfera jornalística em todos os sentidos. Conteúdo, formato, tamanho, posicionamento político, são alguns dos vários aspectos que se transformaram nesse período e contribuíram para a constituição da imprensa em um serviço de notícias propositadamente independente, que se pretendia imparcial e a favor da esfera pública (idem, p.83).

Acompanhando a alteração da relação imprensa e esfera política, ocorreu outra mudança fundamental nas últimas décadas do século XIX: os jornais se tornaram “*big business*”. No que é referente ao número de páginas, circulação, volume de propaganda, os jornais cresceram de maneira imprevisível para a época. As propagandas se mostraram um investimento rentável, todo esse crescimento foi seguido por um volume ainda maior de investimento e também de surpreendentes retornos financeiros.

Na *Progressive Era*, essas mudanças ocorreram primordialmente nas grandes cidades onde os “gigantes” do jornalismo se estabeleceram. As camadas urbanas ganhavam mais força, uma nova onda migratória e, principalmente, uma nova forma de encarar o

---

<sup>2</sup> [http://www.digitalhistory.uh.edu/historyonline/italian\\_immigration.cfm](http://www.digitalhistory.uh.edu/historyonline/italian_immigration.cfm) visitado em 27/01/2016



imigrante que deixa de ser puramente mão de obra, mas passa também a ser interpretado como um potencial cidadão, são as grandes transformações que caracterizam esse período, não apenas nas metrópoles, e sim em toda América.

Aqui vemos como as teorias já citadas de Anderson e Kaplan se aplicam na sociedade. Uma vez que essa determinada comunidade, os leitores americanos, se tornou mais porosa, com interesses diversificados e, ansiosa por uma fonte de informações que atendessem às suas demandas, o jornalismo se transforma e passa a ser também instrumento de transformação. Essa questão tomará uma proporção local, ao tratarmos de Nova York e do NYT. Ao mesmo tempo, as implicações são nacionais, uma vez que esse jornal veio a se constituir um dos mais importantes do país e, deste modo, ajudou a construir os ideais de América no século XX, inclusive no tocante à imigração.

Mesmo de maneira conservadora, o *New York Times* implementou as mudanças que o transformaram num jornal competitivo, tanto em preço quanto em qualidade. A edição cuidadosa e o texto, que evitava tanto monotonia quanto exagero, transmitiam uma impressão de confiança, enquanto suas coberturas eram consideradas completas e honestas. Em pouco tempo, o NYT se tornava fonte de informação e opinião indispensável para muitos.

Partindo do princípio que a imprensa, ainda que se proponha como fonte de reflexões imparciais da sociedade em que se insere, também a altera e ajuda a construir a realidade que descreve, compreendemos a dimensão da importância e o potencial transformador que esse jornal possuiu pra sociedade nova-iorquina do período estudado (MOTT, 1962, p.551).

Acreditamos que, no que tange à imigração entre 1910 e 1920, o NYT é uma fonte para a compreensão de como italianos eram vistos pela sociedade nova-iorquina do período, e de como essa visão se altera no decorrer da década. Seus artigos permitem uma análise da posição do próprio jornal em relação a esse grupo de imigrantes, através dos 10 anos das publicações que nosso estudo abarca, e, como consequência, do papel do jornal como agente transformador da opinião pública.

### **Os italianos no *New York Times***

O site do NYT oferece uma ferramenta de busca onde estão disponibilizadas as suas publicações desde 1851, ano de sua fundação. O mecanismo de busca do jornal permite filtragem por data, autor, seção, priorizando os resultados mais antigos, mais recentes ou mesmo os mais relevantes. É possível acessar aos arquivos sendo assinante ou não, o resultado é basicamente o mesmo, sendo que o assinante tem a visão da edição completa e acesso à paginação, enquanto que o visitante visualiza as reportagens individualmente. Optamos, no entanto, por uma forma de pesquisa mais simples. Dentro de nosso recorte cronológico, pesquisamos os termos “*italians/italian*” com a finalidade de analisar as

diferentes formas que os italianos foram retratados nesse período, em função das diferentes seções do jornal.

O resultado oferecido após essa busca é uma lista com todas as reportagens, independente da seção, que apresentava as palavras pesquisadas no título. Após a leitura de todas essas manchetes, selecionamos aquelas que, ao abordar a comunidade imigrante, nos pareciam mais exemplares ou significativas para a compreensão do posicionamento da linha editorial do jornal em relação aos italianos em Nova York.

A opção por *italian/italians* como palavra chave pra pesquisa não é arbitrária, como foi dito anteriormente o potencial de assimilação desses imigrantes é fundamental para sua recepção nos Estados Unidos, portanto ser italiano o coloca numa escala hierárquica. Já vimos também que, nessa hierarquia, italianos eram preteridos em relação aos imigrantes anglo-saxões devido às características étnicas. Sendo assim, as nossas chaves de análise para o jornal em relação a esse grupo são preconceito e assimilação. É necessário ainda destacar a importância da autoria dos artigos lidos. O jornal não apresenta o autor da maioria dos textos, a menos que sejam uma contribuição externa, ou seja, escritos por pessoas que não integravam o corpo editorial do *NYT*, ou uma “carta ao editor”, os demais permanecem sem autoria definida, sendo assim, compõe o corpo de textos cuja opinião o periódico desejava emitir como sua<sup>3</sup>.

### Os anos iniciais (1910-1913)

The tide of Italian immigration, temporarily reversed in the panic years<sup>4</sup>, is now turned this way in still greater force, according to figures collected for Society for the Protection of Italian Immigrants. In 1908 some 57,000 Italians entered at Ellis Island, while 1909 there were more than 215,000.

O artigo “*Italian Society Uplifts Immigrants*”<sup>5</sup> (1910, p. 15), se alinha às informações fornecidas pelas fontes secundárias. Os dados também são impressionantes, o ano inicial do nosso recorte cronológico é também um momento de reaquecimento da entrada de imigrantes na cidade de Nova York. A reportagem não emite opinião, mas, além da avaliação numérica, evidencia o interesse do jornal em fazer um balanço social e da importância dos imigrantes.

---

<sup>3</sup> No presente trabalho citaremos o nome dos textos com autoria definida, quanto aos demais indicaremos o ano e a página em que o artigo se encontra.

<sup>4</sup> O termo “panic years” se refere a crise econômica entre os anos de 1907 e 1908, caracterizado por falências bancárias, queda no mercado de ações e na produção industrial. A queda da produção, das importações e o aumento do desemprego refletiram também nos números da imigração que sofreram uma diminuição significativa.

Sintomaticamente, na nossa pesquisa pela palavra chave “*italians*” no ano de 1910 foram encontrados 262 resultados, sendo esse total composto, majoritariamente, por matérias sobre o cotidiano da cidade tratando de assuntos que envolviam violência ou tragédias - reveladores da realidade do imigrante nessa época, das dificuldades enfrentadas por eles no dia a dia da cidade e de sua condição vulneráveis.

Um grupo menor, mas significativo de matérias, nos chamaram atenção por remeterem à comunidade italiana, às tentativas governamentais de assimilação desse grupo e suporte oferecido aos imigrantes recém-chegados por uma já estabelecida comunidade local. Estas matérias nos interessam além da questão do imigrante, mas também, e principalmente, no que se refere ao posicionamento do jornal frente à interação daquele corpo de imigrantes recém-chegados com a cidade.

A matéria citada anteriormente é particularmente significativa nesse período. O artigo tem quase duas colunas, manchete de tamanho considerável sobre os italianos e discorre sobre as conquistas do “*Benevolent Institute of Italian Society*” em relação à vida do imigrante. O grupo chamado de *Italian Benevolent Society*, estabelecido em 1881 e existente até hoje, é a instituição privada de auxílio aos italianos mais antiga dos Estados Unidos.

As ações do instituto não eram isoladas, sobre esse mesmo tipo de iniciativa os artigos “*Metropolitan Benefit Nets 6,500*” (1910, p.7) e “*Caruso gets gold medal*” (1910, p.9) sobre uma ópera beneficente com a finalidade de arrecadar fundos para o hospital ligado ao *Italian Benevolent Society*. Nos anos de 1912 e 1913 essa visibilidade está estabelecida. Os eventos promovidos pelo instituto são regulares e parte do calendário social da cidade. Como podemos ver os artigos “*Christmas carols at St.Paul’s today*” (1913, p.9), sobre uma cantata de natal com o mesmo objetivo, artigo explicitamente informativos. Averiguamos, portanto, a continuidade do projeto de auxílio da instituição para com seus compatriotas. Sabendo que a imigração italiana se dava em cadeia - e também como essa modalidade permite aos imigrantes maiores possibilidades de conservação de suas práticas culturais como língua e religião - consideramos que a *Italian Benevolent Society*, facilitava essa manutenção. O explícito no seguinte trecho do artigo sobre a programação beneficente natalina em St. Paul’s é um exemplo:

The poor among the Italians of the city were remembered yestnesday by Italian merchants, whose gifts consisted of about 900 baskets containing everything necessary to make a bountiful christmas dinner [...] Each basket contained a four-pound chicken, spaghetti, butter, sugar, coffee, oils, and other articles, practically all of which were imported from the donor’s land. It was the aim of the committe, so far as possible, to supply *their people* with a typical Italian dinner.

Inferimos, assim, a importância desses grupos de italianos previamente estabelecidos para a condição da comunidade imigrante em função de dois aspectos:

primeiro, atuam na recepção e no auxílio dos seus conterrâneos recém-chegados. Como escrito no jornal, *“their people”*, seu povo. Segundo, trabalham na promoção da cultura italiana, como fizeram os comerciantes abastados citados acima, além de expor uma imagem de comunidade organizada de auxílio mútuo. Através desse texto, averiguamos também o posicionamento do periódico em relação a essa iniciativa, mesmo se tratando de artigos sem uma agenda declarada ou opiniões fortes, o jornal destacou de maneira positiva a atuação desses elementos.

Contudo, esse amparo - especialmente o de cunho mais imediato, como a distribuição de comida - não dá conta de melhorias a longo prazo, como no que se referem a legislação, condições de trabalho e educação, entre outros. Ao longo do nosso levantamento no periódico, observamos em menor proporção artigos que promovessem um debate direto sobre questões estruturais. Exatamente porque são raros é importante destacar a relevância dessas questões para a análise qualitativa do período e do discurso difundido pelo jornal.

O artigo *“Marshall suggests new department”* (1910, p.8) é um dos poucos casos em que questões estruturais são discutidas. O conteúdo do texto se divide basicamente em duas partes: uma de denúncia e uma propositiva. A primeira parte do artigo é justamente a propositiva: a defesa da criação de um novo departamento de estado exclusivo para lidar com a questão do imigrante, feita por Louis Marshall, advogado e presidente da Comissão de Imigração do Estado:

Mr. Marshall regards the situation as too complex to be handled by any of the existing State departments. He asks:

‘Would it not, both from the point of economy and of efficiency, be best to create a new State department to deal with this great subject as a whole, in all of its aspects, and especially with that of building up our industries by means of a systematic and intelligent distribution of efficient labor?’

Através do trecho destacado, podemos compreender o contexto em que a alegação de Marshall é construída. A necessidade da mão de obra estrangeira para a indústria em expansão é uma realidade. Sendo assim, o advogado argumenta de maneira prática e objetiva sobre essa questão quando defende a criação de um órgão que trabalhe para uma distribuição mais eficiente de trabalhadores.

A segunda parte – usada como argumento para a primeira - é o artigo do advogado italiano Gino G. Speranza. As denúncias de Speranza atestam a desorganização com que eram recebidos os imigrantes em Nova York, deixando-os muito mais vulneráveis a todo tipo de extorsão:

‘The immigrant arriving at the eatery’, he writes, ‘is immediately and violently besieged on all sides by tricksters and thieves in the persons of

porters, hackmen, 'runners' for employment agencies, many of whom speaks his language. They profess friendliness and advise him about his lodgings, employment, transportation, and the many things he needs help. Licensed city porters wear badges and pretend thereby be city officials, and get large fees for taking the mute stranger to a lodging or agency. A case is known of an immigrant to whom \$5 was charged for a five-cent elevated ticket.

Mesmo que no relato de Speranza fique clara a participação de italianos nos abusos, a denúncia do artigo não recai sobre esses indivíduos golpistas, sobre os empregadores mal intencionados ou sobre qualquer agente direto ou indireto desses abusos. A proposta feita por Marshall, legitimada pelas denúncias de Speranza, visa expor a carência de uma instituição pública que desse conta da questão da mão de obra imigrante. E, portanto, nos ajudam a vislumbrar o vazio institucional em termos de auxílio e orientação em relação a esses grupos.

Uma segunda conclusão, e talvez ainda mais importante para nós, é a posição do jornal. Dando grande espaço para a fala de Speranza, em momento algum a matéria aborda de maneira negativa a comunidade italiana - ou mesmo indivíduos - e corrobora o atestado por Marshall, pragmático, quando ele fala sobre a necessidade que a indústria nacional tem desses indivíduos. Nesse caso é possível observar o editorial do NYT assumindo uma postura frente à questão imigrante.

Em 26 de setembro de 1910, encontramos outro artigo dessa natureza. No que se refere a propostas efetivas como melhorar a condição do imigrante italiano na sua inserção na sociedade americana, vimos no artigo "*To open italian school*" (1910, p.13) um posicionamento claro sobre a possibilidade de assimilação feita pelo NYT a respeito da comunidade italiana. A matéria fala sobre a abertura de uma escola para crianças italianas:

Italians realized that until they have mastered that tongue their prospect of success in this country is limited, and as a result the classes are so large they are arranged in four divisions, according to age.

Fica claro também que o jornal não apenas defende a assimilação, mas se manifesta de maneira positiva em relação à iniciativa dos próprios imigrantes em matricular seus filhos na escola, ou seja, na agência desses indivíduos em direção a sua inserção na sociedade americana. Esses primeiros anos, portanto, constituíram para nós uma discussão sobre a acolhida a esses imigrantes, os problemas cotidianos e o potencial dessa comunidade. O tom muda, na segunda parte da nossa análise, aquela que envolve a Primeira Guerra Mundial.

### **Os anos da Guerra (1914-1918)**

Nos anos referentes à Primeira Guerra Mundial vemos os números de registros crescerem de maneira exponencial. Se em 1913 obtivemos 290 registros para a busca da palavra "*italians*", encontramos 988 em 1915. Desses artigos a maioria esmagadora fala da

guerra e a atuação da Itália na mesma. Quanto aos italianos em Nova York, as preocupações passam a ser mais sobre as ondas migratórias em consequência dos conflitos do que sobre o estabelecimento e cotidiano dos imigrantes na cidade. A visibilidade, o instituto, os bailes beneficentes desapareceram do jornal.

Logo em 1914 fica registrado no jornal o aumento dos números de imigração. Essa questão é apontada também pelos correspondentes do NYT na Itália, que registram a quantidade de emigrantes que partem em direção aos Estados Unidos. O artigo *“Emigration from Italy”* (1914, p. 8) assinala o crescimento dos números de italianos deixando o país, *“Of 60.000 in three months, 45.000, came to this country”*, que proporcionalmente era maior que os números, já grandes, dos anos anteriores, registrados pelo jornal.

Na matéria sobre a chegada dos imigrantes, vemos uma postura preocupada em relação ao crescimento abrupto da entrada de europeus em função da guerra. Com o título *“Record immigration year.; Balkan and Italo-Turkish wars help to swell total to 1.355.000.”* (1915, p. 8), de 17 de julho de 1915, ressalta o número recorde de entradas, o maior registrado desde 1907, destacando ainda que o número de doentes entre esse todo muito maior que a média.

A situação, contudo, mudou no final de 1914 e no início de 1915, quando a imigração sofre uma queda considerável. Os discursos que encontramos no periódico são diversos; enquanto algumas matérias se atêm à questão da mão de obra, outras fazem previsões para o fim da guerra, em considerações preocupadas com uma retomada de imigração em números extremos.

As falas expõem a principal contradição frente à imigração nesse período: o fato da mão de obra ser necessária para a manutenção do ritmo industrial e a preocupação com a entrada extensiva de imigrantes e seus impactos na sociedade americana. As matérias do jornal cobrem os dois pontos de vista, de maneira que pudemos observar a constante argumentação de indivíduos pró e contra imigração, além de pode acompanhar os desdobramentos da questão da mão de obra imigrante.

Foi possível observar como as ideias eram construídas à medida que a guerra avançava. Os defensores da manutenção da força imigrante, alarmados, publicavam comparações entre os números de imigrantes no pré-guerra e no ano de 1915, como no artigo *“The war and immigration.”* (1915, p.8), e lançavam questionamentos sobre o impacto da diminuição da força de trabalho no mercado e nos anos após a guerra, no texto *“War cuts immigration.”* (1915, p. 13):

Each year since 1910, except only 1915, arrivals have exceeded a million; now they have fallen to 434,244. These figures have as important bearing upon the labor market, and it would be interesting to know whether the return flow will reach old dimensions when war is over.

No que concerne ao discurso contra a imigração, vimos que a possibilidade de aumento exponencial de imigrantes no pós-guerra foi instrumentalizada como argumento

para o aumento das leis de restrição ao imigrante. O artigo "*Immigration Analysis of a problem now before congress.*" (1914, p.23) apresentou o que seria uma solução para a suposta superabundância de imigrante no fim da guerra: uma seleção mais rigorosa na entrada dos imigrantes. Ainda em 1914, antes mesmo do decréscimo significativo de entradas, foi apresentado um projeto de lei que aprovaria o teste de alfabetização como forma de qualificar o recém- chegado como desejável ou não desejável.

A oposição a essa lei se apresentou de maneira ferrenha. Aqui temos a oportunidade de tipificar com mais clareza a diferença entre os artigos e como interpretamos o posicionamento do jornal. Entre os textos apenas informativos, mesmo quando não houve defesas ou acusações explícitas, é possível identificar a postura do editorial pelo espaço que ele forneceu às determinadas vozes e quais argumentos optou por calar. Na apresentação das leis restritivas o que foi observado foi uma cobertura estritamente informativa dos argumentos favoráveis às tais leis, enquanto a oposição às restrições veio acompanhada de análises mais profundas, em textos de opinião com autores considerados especializados no assunto, sobre os malefícios que seriam trazidos pela interrupção da imigração.

Artigos baseados na opinião de especialistas, como "*The literacy test*" (ELLSWORTH, 1915,p.8) defendiam que o critério de alfabetização não cumpre o objetivo de qualificar um imigrante como assimilável ou não. Contudo é no texto de Max J. Kohler, "*Effects of the war on immigration*" (KOHLER, 1914, p.14), que encontramos a mais contundente oposição ao teste de alfabetização e onde também os argumentos foram mais intrincados com as questões de guerra.

Kohler afirma que um estudo da História recente da imigração provaria, através de análises de dados, a não existência de qualquer evidência histórica de um possível aumento de imigrantes no pós-guerra. Seu texto continua e após expor todos os dados que justifiquem seu argumento em relação à imigração, acusa de oportunista a lei que aprova o teste de alfabetização, uma vez que essa seria anti-imigração e estaria se aproveitando do contexto de instabilidade oriundo do conflito na Europa. Segundo ele, seria cruel impor uma rigurosidade ainda maior a entrada desses indivíduos.

Já foi analisada e exposta aqui a postura positiva do *New York Times* em relação às iniciativas da comunidade italiana em melhorar as condições de vida de seus conterrâneos menos abastados ou recém- chegados e como a educação era considerada chave do modelo assimilacionista. No período da guerra essa posição não se altera, mas em um clima de disputa sobre a interrupção/diminuição da entrada desse imigrantes, a natureza do discurso não é mais referente a defesa desse projeto, mas usa os bons resultados como evidência para argumentar a favor da imigração.

A educação como elemento fundamental para a assimilação continua a aparecer no discurso difundido pelo jornal. Na matéria "*What we owe to aliens*" (1916, p.19), cujo título deixamos em destaque justamente em função do termo "*owe*", que significa uma obrigação

ou um dever, relativo a noção de que a pátria receptora tem deveres não cumpridos em relação a seus novos moradores.

O artigo aborda o discurso de Mrs. Stotesbury, vice-presidente do Comitê Nacional de Americanização, fala sobre os débitos da sociedade americana em relação à massa imigrante, nessa fala foi frisado o vazio institucional em relação a americanização desses indivíduos. “*Education is the solution for the problem of assimilation*” (CHANDRA, 1916, p.30), a máxima surge também no artigo de 13 de agosto de 1916, que protesta contra a proposta de restrição da imigração hindu. O autor do texto, Ram Chandra, ainda usa a todo momento o exemplo dos italianos oriundos do sul da Itália como um grupo passível de assimilação, comparando-os com os hindus, igualmente capazes de serem assimilados. Com um discurso parecido, artigo “*Asiatics capable of assimilation*” (1914, p.6), publicado em 25 de maio de 1914, os italianos também são referência. A matéria, que defende a imigração asiática através fala do professor Gulick, afirma que asiáticos são tão assimiláveis quanto italianos.

É nesse sentido que concluímos que o italiano é visto como completamente assimilável pelo periódico e que o bom uso desse imigrante estava a cargo das instituições americanas que, com organização e um sistema eficiente de inserção, conseguiriam transforma-los na mãe de obra necessária sem comprometer a cultura ou os valores americanos.

Como essa discussão se dá em meio a uma guerra na qual Itália e, eventualmente, os Estados Unidos se envolveram, é fundamental compreender como a postura da comunidade italiana em Nova York afeta a compreensão do jornal em relação a sua capacidade e, o que é mais importante para nós, disposição de se ajustar a postura norte-americana. Nesse sentido, o que encontramos foi uma inclinação da massa imigrante em fazer justamente isso, se alinhar aos interesses estadunidenses em todos os momentos do conflito, o que foi descrito pelo NYT de maneira positiva.

### Os anos finais (1919 e 1920)

Nos últimos dois anos da década que analisamos, os números de resultados para a busca das palavras “*italian/italians*” sofre uma diminuição, 736 no primeiro e 487 no segundo. Dentre os resultados a maioria esmagadora ainda se refere à Primeira Guerra Mundial, resquícios de conflitos específicos entre a Itália e a Iugoslávia, tratados firmados, análises do país no pós-guerra, condecoração de americanos pelo governo italiano, entre outras questões similares. Meses e mais meses de resultados em que os italianos em Nova York praticamente desapareceram do jornal.

Somem as manchetes a respeito da violência urbana, somem os grupos de auxílio e as óperas beneficentes. Contudo, nos artigos em que foram tratadas questões relativas à imigração, a abordagem de quase todos eles foi a americanização. Sabemos que o *Immigration Act* de 1917 aprova o teste de alfabetização, que configura uma barreira para



uma série de imigrantes, inclusive italianos, porém, ao fim dessa década o periódico dá um grande espaço às falas referentes à americanização dos italianos já estabelecidos na cidade.

O caráter pró-assimilação da linha editoria do nunca foi mais evidente. Os argumentos apresentados não falam apenas da necessidade em integrar as comunidades imigrantes para que se evite a construção de guetos ou de comunidades à margem da sociedade americana, os termos usados não são negativos, o que se fala é sobre a necessidade de integrar para que esse imigrante não sinta vontade de retornar ao seu país de origem e tenha intenção real de introjetar a cultura americana, como exemplo podemos citar o texto "*Form inter-racial council.*" (1919, p.8).

Não somos ingênuos a ponto de indicar um caráter acolhedor ou humanitário dessas falas, sabemos que os interesses econômicos e sociais são a base desses argumentos, mas é para nós significativo que o jornal não reforce estereótipos negativos em seu discurso. É ainda importante salientar o tamanho de algumas dessas reportagens. Páginas inteiras foram dedicadas a esse tema, no artigo "*No foreing accent for good americans.*" (1919, p.57) possui ou três colunas foram voltadas ao assunto, o que é um indicativo do valor que o jornal via na agenda da americanização, uma vez que, em termos de periódicos, a importância de um tema está sempre ligada a visibilidade que ele recebe.

No artigo "*Survey of methods of americanization*" (1919, p. 8) *New York Times*, 2 de fevereiro de 1919) a importância dos projetos de americanização é desenvolvida num artigo de página completa, cuja parte mais importante para nós é a de que o autor constantemente se questiona se não seria melhor e mais proveitoso não excluir completamente a herança cultura do imigrante nesse processo de torná-lo americano.

O mesmo tom positivo e otimista era usado para falar dos grupos de imigrantes dispostos a se americanizar. Um exemplo divertido é o artigo "*An American town 100 per cent Italian*" (AUERBACH, 1919, p.78) que fala de uma comunidade italiana no condado de Northampton, Pensilvânia. A cidade seria formada exclusivamente por italianos, falantes de italianos, que se proclamavam orgulhosamente americanos, que falavam e estudavam inglês, o artigo destaca o benefício das escolas e como as crianças do local avançavam no projeto de americanização. O que destacamos aqui é o teor tolerante do jornal com a escolha dos imigrantes em manter suas tradições natais ao mesmo tempo em que trabalham para se inserir na cultura local.

Sabemos que nesse período a entrada de imigrantes nos Estados Unidos se tornou cada vez mais difícil, até ser oficialmente interrompida poucos anos depois, ainda no início da década de 1920. Estamos cientes também de que o racismo, o anti-italianismo e as perseguições não cessaram após essas conquistas. Contudo, consideramos a atuação do *New York Times* na segunda década do século XX benéfica a comunidade dos imigrantes italianos. O jornal denunciou sua vulnerabilidade, não reproduziu as perspectivas estereotipadas dos italianos e mesmo na sua postura assimilacionista não usou de argumentos pejorativos e trabalhou com tolerância essas questões na medida do possível para a época.

A partir dessas análises, concluímos que o jornal tinha uma postura pró-imigração e assimilacionista. Suas matérias deram aos imigrantes uma visibilidade positiva num período em que ainda lutavam por direitos e se encontravam em uma situação de extrema vulnerabilidade. Contudo, nosso estudo não esgota o tema, pelo contrário. Como já dissemos anteriormente, a história da imigração se mistura com a história da cidade de Nova York e até mesmo com a história dos Estados Unidos, de maneira que as implicações desse encontro culturais são sentidas até os dias atuais nesse país.

Especificamente sobre os imigrantes italianos, o preconceito estava longe de acabar na década de 1920. Assim como os desafios foram sendo alterados com o passar dos anos e até se intensificaram, como na Segunda Guerra Mundial. As questões que foram colocadas para as gerações seguintes tinham natureza diferente. Os ítalo-americanos, filhos dos primeiros imigrantes, se dividiam entre duas culturas e passaram décadas tentando descobrir sua identidade.

**Artigo recebido em 21 jul. 2017.  
Aprovado para publicação em 12 set. 2017.**

## Referências

- ALLEN, Oliver E. *New York, New York*. New York: Macmillan Publishing Company, 1990.
- ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAILY, Samuel L. *Immigrants in the lands of promise: Italians in Buenos Aires and New York City, 1870-1914*. In: Cornell University Press. New York: Cornell Paperbacks, 2003.
- BENDER, Thomas. The unfinished city: new York and the metropolitan idea. In: *The New York Press*: New York, 2002.
- BERTONHA, João Fábio. *Os Italianos*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FONER, Eric. *Give me Liberty!: An American History*. vol. 2. Mishawaka: Better World Books, 2006.
- KAPLAN, Richard L. A imprensa e a esfera pública americana: variações do discursopúblico, 1865-1920. *Opinião Pública*, Campinas, v. IV, n. 2, p 82-113, maio 1997.
- KARNAL, Leandro et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007

MOTT, Frank Luther. *American Journalism. A History, 1690-1960*. New York: The Macmillan Company, 1962.

TOTA, Antônio Pedro. *Os americanos*. São Paulo: Contexto, 2009.

Artigos do *Jornal New York Times* visitados durante os anos de 2015 e 2016:

“Italian Society Uplifts Immigrants”. *New York Times*. Nova York, 20 de fevereiro de 1910, p. 15.

“Metropolitan Benefit Nets 6,500”. *New York Times*. Nova York, 8 de janeiro de 1910, p. 7.

“Caruso gets gold medal”. *New York Times*. Nova York, 5 de janeiro de 1910, p. 9.

“Christmas carols at St.Paul’s today”. *New York Times*. Nova York, 24 de dezembro de 1913, p.5.

“Marshall suggests new department”. *New York Times*. Nova York, 2 de janeiro de 1910, p. 8.

“To open italian school”. *New York Times*. Nova York, 26 de setembro de 1910, p.13.

“Emigration from Italy”. *New York Times*. Nova York, 19 de julho de 1914, p.8.

“Record immigration year.; Balkan and Italo-Turkish wars help to swell total to 1.355.000.” *New York Times*. Nova York, 17 de julho de 1915, p. 8.

“The war and immigration”. *New York Times*, Nova York, 12 de agosto de 1915, p. 8.

“War and immigration”. *New York Times*, Nova York, 9 de abril de 1915, p. 13.

“War cuts immigration”. *New York Times*, Nova York, 8 de fevereiro de 1914, p. 23.

“Immigration Analysis of a problem now before congress”. *New York Times*. Nova York, 8 de fevereiro de 1914, p. 23.

ELLSWORHT, William. “The literacy test”. *New York Times*. Nova York, 25 de janeiro de 1915, p. 8.

KHOLER, Max. “Effects of the war on immigration”. *New York Times*. Nova York, 12 de dezembro de 1914, p.14.

“What we owe to aliens”. *New York Times*. Nova York, 19 de janeiro de 1916, p.19.

CHANDRA, Ram. “Education is the solution for the problem of assimilation”. *New York Times*. Nova York, 13 de agosto de 1916, p. 30.

“Asiatics capable of assimilation”. *New York Times*. Nova York, 25 de maio de 1914, p.6.

“Form inter-racial council”. *New York Times*. Nova York, 17 de janeiro de 1919, p. 8.

“No foreing accent for good americans”. *New York Times*. Nova York, 30 de março de 1919, p.57.

“Survey of methods of americanization”. *New York Times*. Nova York, 2 de fevereiro de 1919, p 39.

AUERBACH, Samuel “An American town 100 per cent Italian”. *New York Times*. Nova York, 4 de dezembro de 1919, p. 78.